

GEADA

• O TRONO DA RAINHA SEELIE •

C.N. CRAWFORD

Tradução de *Nathalia Marques*



ALTA BOOKS
GRUPO EDITORIAL
Rio de Janeiro, 2024



Prólogo

É uma triste verdade que a maioria dos relacionamentos está fadada ao fracasso.

Houve um tempo em que eu pensava que o meu seria uma exceção, que havia encontrado *o escolhido*. Que, ao contrário dos outros amores ardentes, a chama do meu jamais se apagaria.

Andrew era um humano, ao contrário de mim. Eu nasci feérica, mas permaneci o mais longe possível do restante deles. A maioria dos feéricos era violenta, caprichosa e *incrivelmente* arrogante. Andrew, por outro lado, fazia-me coroas de flores silvestres e escrevia poemas sobre sicômoros para mim.

Sua beleza foi o que me atraiu primeiro: olhos azuis salpicados de ouro e cabelos castanhos e ondulados. Quando ele sorria, seus lábios se curvavam nos cantos de um jeito que sempre me dava vontade de beijá-lo. Andrew tinha um cheiro de lar, de sabonete e de chá preto.

Mas não foi isso que fez com que eu me apaixonasse. Foi sua bondade.

Quando eu tinha uma semana exaustiva, ele me preparava chá ou coquetéis, e eu adormecia com a cabeça em seu peito. Com Andrew, realmente me sentia segura. Ele era humano, e eu era feérica, mas isso nunca pareceu importar para nós.

Ele sempre me ouvia, respondia minhas mensagens imediatamente, perguntava sobre meu dia. Ele tinha um cachorro

salsicha chamado Ralphie e levava sua mãe às consultas médicas. Passávamos os domingos em seu condomínio suburbano bem organizado e líamos os mesmos livros enquanto tomávamos um café.

Ele realmente acreditava que nada era mais importante do que o amor. Que o sentimento deveria ser celebrado. Ele me dizia que eu era sua alma gêmea.

Ao contrário dos outros de minha espécie, Andrew fazia com que eu me sentisse segura.

Tínhamos planejado um futuro juntos. A ideia principal era a seguinte: eu ajudaria com as finanças, pagando sua hipoteca enquanto ele terminava a pós-graduação. Quando ele começasse a ganhar dinheiro, investiríamos no meu sonho: abrir um bar de coquetéis chamado “Chloe’s”, em homenagem à minha mãe. Andrew me ajudaria a financiá-lo. Viveríamos uma vida alegre entre os humanos, em um subúrbio arborizado com vários churrascos no quintal e construindo fortes de travesseiros com nossos filhos. E com viagens à praia no verão. Uma vida humana *normal*.

O problema foi que, na noite do meu vigésimo sexto aniversário, descobri que era tudo uma mentira.

E foi aí que parei totalmente de acreditar no amor.





Ava

De pé em uma calçada de paralelepípedos, agarrei a sacola de comida, já salivando com a ideia do frango *vindaloo* e do *Peshwari naan*, o pãozinho indiano. O Royal Bistrô fez o *naan* deliciosamente amanteigado e o curry tão quente que eu estava suando de euforia.

Como era meu aniversário, o gerente me deixou sair do bar mais cedo. Eu não tinha grandes planos. Depois de algumas horas misturando bebidas para a multidão do pessoal das finanças naquela sexta-feira à noite, eu só queria me entupir de comida e assistir comédias com Andrew.

Enquanto caminhava até nossa casa, sentia o cheiro de pimenta em pó, cominho e alho que emanava do saco de papel debaixo de meu braço. Foi a primeira coisa que nos conectou quando fomos apresentados um ao outro por amigos: um desejo em comum pela comida mais apimentada possível.

Com o estômago roncando, girei a chave na fechadura e entrei na casa dele.

Meus ouvidos captaram sons vindos do andar de cima. Andrew claramente estava assistindo alguns vídeos de sacanagem, a julgar pelos gemidos e suspiros exageradamente altos, do

tipo realmente falso e agudo direcionado aos homens. As mulheres perceberiam a falsidade imediatamente.

Interessante. Bem, ele pensou que ainda tinha algumas horas até eu chegar em casa. Ele pode assistir a pornografia que quiser. Mas por que estaria vendo naquele volume, quando as paredes do condomínio eram tão finas quanto papel?

Tirei os sapatos. Ao entrar na cozinha, bati o dedo do pé na quina de uma cadeira de madeira e gritei “Ai”, irracionalmente irritada com a existência da cadeira. De cara feia, tirei o *vindaloo* da sacola. Naquele momento, percebi que o vídeo pornô havia sido pausado. Andrew estava envergonhado por ter sido pego. O pensamento me fez esboçar um sorriso. Ele certamente deveria saber que eu não me importo.

— Olá? — A voz de Andrew veio do andar de cima. Havia uma pitada de pânico nela. — Acho que não é nada — continuou ele baixinho, e eu me virei em direção ao som.

Prendi a respiração. Ele estava falando com outra pessoa?

Agora meu coração estava disparado. Apenas parcialmente ciente da embalagem de curry quente em minha mão, subi as escadas na ponta dos pés. Os gemidos agudos recomeçaram enquanto o colchão rangia.

O pavor tomou conta de meu coração. Cheguei ao quarto e encontrei a porta entreaberta.

Com muito cuidado, eu a abri.

Senti um aperto tão grande no estômago que quase vomitei.

Andrew estava deitado no meio da cama, seus membros intimamente entrelaçados com os de uma mulher loira que eu nunca tinha visto. Devo ter gritado, porque eles quase caíram da cama quando se viraram para me encarar. Por um momento interminável, todos nós nos encaramos, tomados pelo horror.

— Ava, o que você está fazendo aqui? — O rosto de Andrew assumiu um tom brilhante de vermelho.

— Que porra *você* está fazendo?



— Você deveria estar no trabalho. — Ele estava deitado sob uma mulher nua, mas disse isso como se fosse uma explicação perfeitamente razoável.

— É meu aniversário. Fui liberada mais cedo.

Andrew tirou a mulher de cima dele, e eles se esparramaram na cama, na *nossa* cama, suados e corados. Eu os encarei, quase incapaz de acreditar no que estava vendo, mas ciente de que era meu futuro se desintegrando diante de meus olhos.

— Eu queria te contar... — Ele engoliu em seco. — Não queria que acontecesse desse jeito. É só que... Ashley e eu nos apaixonamos.

— Sem ofensas — acrescentou Ashley, cobrindo-se com um lençol. — Mas ele já cansou de experimentar. Ele quer uma família. Uma família normal. Tipo... uma família humana.

Andrew engoliu em seco, todo seu corpo rígido de tensão.

— Ashley e eu... simplesmente temos coisas em comum, Ava. Temos um futuro.

Eu não conseguia respirar. Como não previ isso? Meus pensamentos ficaram em silêncio, e tudo o que senti foi meu coração se partindo.

Joguei o *vindaloo* nele, e o recipiente atingiu a colcha, explodindo instantaneamente. Frango quente e pimentões respingaram neles. Andrew e a garota gritaram, e eu me perguntei se tinha feito algo ilegal. Era possível ser preso por jogar curry quente em alguém?

— O que você está fazendo? — gritou Andrew.

— Não sei! O que *você* está fazendo? — gritei de volta para ele.

Meu olhar vagou pelo quarto, pausando no cesto de roupa suja onde nossas roupas estavam misturadas. Por alguma razão, a ideia de separar minha roupa da dele era mais deprimente do que qualquer outra coisa. Eu sempre lavava a roupa e a dobrava cuidadosamente para ele... Eu teria que catar minhas roupas do cesto e lavá-las em uma lavanderia?



Maldição, onde eu moraria agora?

Andrew estava limpando o curry com o lençol.

— Você disse que eu tinha passe livre quando saí de férias. E quanto mais Ashley e eu nos conhecíamos, mais eu percebia que era para ser.

— Passe livre? — Eu o encarei, e os dois eram borrões através das lágrimas em meus olhos. — Eu disse que sabia o que era um passe livre, e não que você tinha um. E você não está de férias.

— Eu conheci a Ashley nas férias e não consegui evitar. A beleza dela me atraiu.

Pisquei e senti uma lágrima escorrendo pelo meu rosto.

— A última vez que você saiu de férias foi há quase três anos. Andrew balançou a cabeça.

— Não, Ava. Você e eu fomos para a Costa Rica no inverno passado, e você ficou no quarto o tempo todo, com infecção urinária. Lembra?

— Você a conheceu quando *nós* saímos de férias?

Andrew engoliu em seco novamente.

— Bem, você não estava sendo a pessoa mais divertida do mundo naquela viagem.

Ao lado dele, Ashley estava tentando freneticamente limpar o curry quente com uma de minhas toalhas.

— Isso está realmente irritando minha pele.

Andrew olhou para mim com olhos de cachorrinho.

— Ava. Eu sinto muito. Obviamente, tudo isso é apenas uma falha de comunicação. Eu nunca quis te machucar. Mas o coração é teimoso.

Senti um aperto na garganta e uma dor no peito.

— Qual o seu *problema*?

— E-eu ia te contar... — gaguejou ele. — Nós nos apaixonamos. E o amor é lindo, não é? O amor sempre deveria ser celebrado. Sinceramente, Ava, você deveria estar feliz por mim. Encontrei minha alma gêmea. — Ele suspirou de forma

dramática. — Será que você poderia parar de ser egoísta por um minuto e pensar sobre isso a partir da minha perspectiva?

O mundo inteiro estava se inclinando em seu eixo.

— Você dizia que *eu* era sua alma gêmea. Suponho que você também escreva poesias para ela. — Eu me virei e já tinha cruzado o corredor quando algo passou por minha cabeça. — O poema sobre o álamo era para ela ou para mim?

— Era para mim — interveio Ashley.

Um pensamento horrível me atingiu. Este não era apenas o fim de meu relacionamento. Este era o fim de meus planos para o futuro.

— Andrew, e o bar? Você ia me ajudar a financiá-lo.

Ele deu de ombros, dirigindo-me um pequeno sorriso.

— Ah, Ava! Você vai dar um jeito. Vá para a faculdade ou algo assim. Você seria uma aluna brilhante.

Pensamentos aterrorizantes passaram pela minha mente como folhas de outono em uma tempestade. Eu havia permitido que Andrew fosse minha vida inteira, e agora tudo estava acabado.

Lágrimas arderam em meus olhos.

— Você estava esperando até se formar, não é mesmo? — falei. — Porque Ashley não estava pagando suas contas. Eu estava. Ela jogou o cabelo sobre o ombro.

— Sou atriz. É necessário tempo para construir uma carreira.

— E talento. E considerando quão falsos aqueles gemidos soaram, eu não vejo muita esperança para você — retruqueei.

Ashley arrancou o *vindaloo* da cama e jogou-o em mim. Curry vermelho espirrou em minha camisa.

Eu já era a mulher amarga. A rejeitada. A bruxa malvada que conspira para derrubar a bela jovem.

— Saia! — gritou ela.

— Ele é todo seu! — gritei de volta. — Vocês dois *realmente* combinam perfeitamente.

Eu precisava ir embora antes que fizesse algo que me colocasse na prisão por vinte anos. Peguei minha bolsa de ginástica do chão e desci as escadas.

E lá estava ele — o momento em que eu decidi que nunca mais amaria alguém.

Contos de fada? Eles não são reais.



AMOSTRA



Ava

Uma hora depois, eu estava com os cotovelos apoiados na bancada de madeira pegajosa do Trevo Dourado, bebendo uma cerveja Guinness enquanto assistia *Atadas e Costuradas* na TV, um *reality show* sobre mulheres que competiam para conseguir um noivo e uma cirurgia plástica para o grande dia. Terrível, sim, mas isso não me impedia de assistir toda semana.

Talvez esse tipo de coisa fosse um prenúncio do declínio da civilização ou algo do tipo, mas nada disso realmente me incomodava agora. Eu tinha 26 anos e...

O que eu tinha? Nada, na verdade. Nada em meu nome.

Esta noite, eu só queria um lugar onde ninguém desse a mínima para as manchas de curry na minha camisa, um lugar onde pudesse beber além da conta, no meio da semana, e ninguém me julgasse.

O Trevo Dourado era o lugar perfeito.

O problema não era apenas o coração partido, embora isso me desse vontade de ficar deitada em posição fetal. O problema era que mais um de meus sonhos havia sido arruinado, pelo

menos temporariamente — o do Chloe's. Eu estava trabalhando dia e noite no planejamento, tentando obter autorizações.

Deixei a cabeça cair em minhas mãos. Eu ganhava cerca de trinta mil por ano como *bartender*, e boa parte disso tinha ido para a hipoteca de Andrew. Antes de conhecê-lo, eu dividia um apartamento apertado com um alcoólatra que sempre adormecia no chão do banheiro. Não era o fim do mundo, mas o jeito que Andrew disse “vá para a faculdade”, como se de repente eu pudesse pagar por isso, realmente me deu nos nervos.

Andrew sempre foi rico, seus pais tinham milhões de dólares em imóveis. Ele decidiu se virar sozinho por um tempo, o que acho que significou que eu pagaria por suas coisas, em vez de seus pais. Como ele realmente nunca soube como é estar sem dinheiro, cultivou o tipo de despreocupação alegre que o levaria a dizer coisas como “você deveria estar feliz por eu estar apaixonado” ao mesmo tempo em que destruía vários de meus sonhos.

Dei um gole na minha Guinness, lambendo a espuma de meus lábios. Eu daria um jeito.

Uma voz familiar me tirou de minha angústia.

— Ava!

Quando olhei para cima, vi minha melhor amiga, Shalini, vindo em minha direção. Seu cabelo escuro e ondulado caía em cascata sobre um vestido vermelho justo que combinava com seu batom. Ela estava usando um blush cintilante sobre sua pele acobreada, e seu estilo contrastava com meu uniforme de trabalho manchado de comida.

Shalini imediatamente se sentou ao meu lado e passou um braço em volta de meus ombros.

— Meu Deus, Ava! O que aconteceu?

Nesse momento, todas as emoções que eu estava reprimindo vieram à tona, e novamente deixei a cabeça cair em minhas mãos.

— Peguei Andrew na nossa cama fazendo sexo com uma atriz loira.

Quando olhei para ela novamente, minha visão estava embaçada.

Os olhos castanhos de Shalini estavam arregalados, e sua mandíbula, rígida.

— Tá de sacanagem comigo?

Dei um gole na minha cerveja, sentindo-me dormente agora.

— Ele disse que tinha passe livre.

— Passe livre? O que é isso?

Respirei fundo e expliquei a Shalini tudo o que tinha acontecido: chegar em casa mais cedo, os gemidos falsos, e então a parte de como eu deveria estar feliz por ele. Quando terminei, a expressão de desgosto absoluto de Shalini refletia meus próprios sentimentos. Então ela deu um pequeno sorriso.

— Você realmente jogou *vindaloo* neles?

— Por toda parte.

— Espero que tenha caído pimenta nas bolas dele... — Shalini parou por um instante, e então fez uma careta. Ela provavelmente estava tentando não imaginar o curry no corpo nu de Andrew e então balançou a cabeça. — É inacreditável. Quer dizer, ele realmente achava que não seria pego? — disse ela.

— Não sei. Acho que sim. Eu deveria estar trabalhando até tarde, mas é meu aniversário. — Minhas bochechas estavam molhadas, e eu limpei as lágrimas com as mãos. — Sei que a maioria dos relacionamentos não dura, mas pensei que éramos diferentes.

Ela me deu um tapinha gentil no ombro.

— A cura para um coração partido é um homem mais gostoso. Já tem uma conta no Tinder?

Eu a encarei.

— Isso tudo aconteceu há uma hora e meia.

— Tá bom. Bem, vou te ajudar quando estiver pronta. Tô basicamente desesperada por uma aventura. Talvez devêssemos fazer um cruzeiro! Não tem uns cruzeiros para solteiros?



Olhei para meu copo quase vazio. Era minha segunda ou terceira cerveja? Eu estava começando a perder a conta.

— De jeito nenhum. Cansei de homens. Posso ser perfeitamente feliz com rosquinhas e filmes sobre rainhas da dinastia Tudor.

— Calma aí. Ele não deveria financiar seu bar? — A voz de Shalini ficou mais alta. — Você estava pagando a porra da hipoteca dele. Ele te *deve* isso.

Assenti com a cabeça.

— E é provavelmente por isso que ele estava esperando para me contar.

— E se eu investisse no seu bar?

Era uma coisa adorável de se dizer, mas eu não queria estragar uma amizade perfeita ao adicionar um grande risco financeiro no meio.

— Não, mas obrigada. Eu dou um jeito.

— Poderíamos abrir um bar juntas. Um daqueles onde as pessoas podem lançar machados. E talvez devêssemos convidar Andrew para a inauguração, tomar uns *shots* e ver aonde as lâminas nos levariam.

Balancei a cabeça enquanto bebia minha cerveja.

— Poderíamos chamá-lo de “Cervejas e Machados”.

— Lembra de quando Andrew levou aquela machadinha para acampar e quase decapitou um esquilo? Que idiota do caralho — disse Shalini. — Você precisa de um macho alfa. Tipo, alguém capaz de te proteger.

Eu me mexi no meu assento, inquieta.

— Ai, credo! Não, eu não preciso de um idiota alfa. Só preciso descobrir como conseguir o dinheiro do aluguel. — Agarrei a borda da mesa. — Que burra eu sou por ter confiado nele!

Ela deu de ombros.

— Você não é burra. Foi ele quem estragou algo bom.

Eu me inclinei para trás na minha cadeira.

— Como anda o aluguel hoje em dia no centro da cidade?



Ela pigarreou.

— Não vamos falar sobre isso agora. Você pode ficar comigo.

— Tudo bem. — Assenti com a cabeça. — Isso até que parece divertido.

Um cara magro com cabelo castanho se aproximou de nós. Ele estava vestindo tênis pretos, calças jeans e um moletom cinza. Sua atenção estava voltada totalmente para Shalini — o que sempre acontecia quando saíamos juntas.

— Tendo uma boa noite? — perguntou ele, erguendo as sobrancelhas. Claramente pretendia que a expressão fosse sedutora.

— Na verdade, não — disse Shalini.

— Talvez eu possa fazer você se sentir melhor — respondeu ele, seu comentário inteiramente direcionado a Shalini. — De onde você é? Eu falo três línguas.

— Arlington, Massachusetts.

— Não, quis dizer tipo... de onde você *realmente* é? Originalmente.

— Arlington. — Os olhos de Shalini se estreitaram. — Que tal um pouco de francês? *Foutre le camp!*

O homem riu com nervosismo.

— Essa não é uma das línguas que eu falo.

— Você conhece linguagens de programação? Então que tal você *sudo kill traço nove menos um*?

Os olhos do homem brilharam de animação.

— Farei isso se você me disser a senha do administrador. — Seu tom soou levemente lascivo, e eu não entendi mais o que estava acontecendo.

Meu olhar se desviou para *Atadas e Costuradas*. O noivo havia forçado suas potenciais noivas a uma luta de boxe. Aparentemente, a melhor maneira de escolher uma esposa era fazê-las socar umas às outras enquanto usavam biquínis. Franzi a testa para a tela enquanto me perguntava sobre quantas delas precisariam de verdade de um nariz novo depois desse episódio.



Quando me virei para Shalini e o cara aleatório, eles estavam discutindo sobre alguma linguagem de programação.

Shalini era totalmente brilhante com computadores. Ela estava trabalhando para alguma startup sofisticada que tinha aberto seu capital havia um mês. Eu não tinha certeza de quanto dinheiro ela havia ganhado com suas compras de ações, mas, fosse o que fosse, ela não precisava mais de um emprego. Em outro momento de sua vida, ela tinha sido uma acadêmica obsessiva, insanamente motivada, mas agora estava esgotada e só queria se divertir.

Shalini ergueu a mão.

— Steve, Ava teve uma noite ruim. Ela não é muito fã de homens neste momento. Vamos precisar de um pouco de espaço.

E foi aí que cometi um erro crucial.

— É só que peguei meu namorado transando com uma tal de Ashley.

Steve mordeu o lábio.

— Se por acaso vocês quiserem sexo a três, ou...

— Não! — dissemos Shalini e eu, em uníssono.

— Tanto faz. — O rosto de Steve endureceu quando ele olhou para mim. — Sem querer ser babaca, mas você nem é tão bonita assim. Não com as orelhas de elfo. — Ele se afastou, cantarolando para si mesmo.

— Feérica! — Eu me virei para Shalini, tocando minhas orelhas feéricas delicadamente pontudas. — Merda. Isso não foi bom para minha autoestima.

— Você sabe que muitos homens dizem coisas assim quando são rejeitados, certo? Em um segundo, você é a pessoa mais bonita que eles já viram. No próximo, você é uma cadela arrogante com joelhos esquisitos. Todo mundo sabe que orelhas feéricas são algo sexy, e você também. Você só é intimidadora.

Eu vivi entre os humanos, tentei me misturar. Gostaria de dizer que foi por escolha, mas a verdade era que os feéricos



havam me expulsado há muito tempo. E eu não fazia ideia do porquê.

— É isso que todos os homens pensam quando me veem?
— perguntei.

Shalini balançou a cabeça.

— Você é linda pra caralho. Cabelo castanho-escuro, olhos grandes, lábios sensuais. Você é como uma Angelina Jolie dos anos 1990, só que feérica. E suas orelhas são sensuais pra caralho. Sabe de uma coisa? Agora minha missão de vida vai ser arrumar um namorado feérico. Homens humanos são uma bagunça.

Fiz uma careta.

— E homens feéricos são aterrorizantes.

— Como você sabe disso?

Uma memória sombria surgiu no fundo de minha mente, mas era intangível, indescritível, um fantasma tênue em meus pensamentos.

— Não sei. Há alguns feéricos comuns como eu por aqui, mas não os vejo com frequência. Todos os Feéricos Superiores vivem em Feéria, e acho que todos têm poderes mágicos. Mas, de qualquer forma, só é possível entrar no mundo deles através de um portal, e isso requer um convite, que eu certamente não receberei.

— Mas como você imagina que os homens feéricos seriam na cama?

— Eu literalmente nunca pensei sobre isso.

Ela apontou um dedo para mim.

— Você já percebeu que as melhores transas são com os homens mais desastrosos possíveis? O melhor sexo que eu já tive foi com um cara que acreditava que alienígenas viviam no núcleo da Terra. Ele vivia em uma tenda no quintal da casa dos pais e seu único trabalho era tentar fazer kombucha. O que ele nunca conseguiu, aliás. Ele tinha fita adesiva nos sapatos para impedir que se desintegrassem. Sexo alucinante na tenda, e é assim que sei que Deus não existe. E qual foi o seu?



— Meu melhor sexo? — Meu primeiro instinto foi dizer Andrew, mas não, não era verdade. E eu não precisava mais ser leal a ele. — O nome dele era Dennis. No nosso primeiro encontro, ele me serviu sopa enlatada fria e tentou fazer *beatbox* por uns bons quinze minutos. Ele comia brownies de maconha no café da manhã e queria ser mágico profissional. Mas o corpo dele era a definição de perfeição, e ele era enlouquecido na cama. No bom sentido.

Shalini assentiu compreensivamente.

— Exatamente. É cruel demais. É possível que homens feéricos sejam bons de cama e *também* normais?

— Só Deus sabe. Tenho certeza de que todos eles são arrogantes e talvez um pouco assassinos. Mas eu não tenho nem mesmo *permissão* para entrar no mundo feérico. — Isso era algo sobre o qual eu nunca falava, mas toda aquela cerveja tinha me deixado relaxada.

— Por que não? Você nunca me explicou isso.

Inclinei-me para a frente.

— O mundo feérico é sobre sua linhagem familiar. E, levando em consideração que meus pais me entregaram para a adoção no meu nascimento, ninguém sabe qual é minha linhagem. Sou uma pária. — Olhei para mim mesma com desprezo, vendo o que os outros provavelmente viam. — Shalini, não estou muito melhor do que Dennis, não é? Estou sem dinheiro e, no momento, vestindo um moletom de gato coberto de manchas de comida. — Estendi as mãos para tocar meu cabelo, percebendo que eu estava com um daqueles coques frouxos de quem já desistiu de tudo. — Ai meu Deus! Era assim que eu estava quando encontrei Ashley.

— Você está mais sexy do que nunca. Está parecendo que alguém te manteve acordada a noite inteira porque você é gostosa demais. — Seus olhos se moveram para meu copo vazio. — Mais uma rodada?

Assenti com a cabeça, apesar de já estar me sentindo tonta. Eu ainda conseguia ouvir os guinchos agudos da voz de Ashley, e isso tinha que parar.

— Sim — falei lentamente e suspirei. — Obrigada. Andrew era bonito demais. Perfeito demais. Eu deveria ter sido mais esperta antes de confiar em um homem tão bonito.

Shalini gritou para o *bartender*:

— Pode nos trazer uma jarra de margarita? E será que dá para aumentar o volume de *Atadas e Costuradas*? Alguma delas vai ser mandada pra casa hoje.

— Espero que seja a Amberlee — falei. — Não, calma. Espero que ela fique. Ela é totalmente maluca, e isso a torna minha favorita. Ela tentou amaldiçoar Jennica com uma vela.

Enquanto o *bartender* enchia a jarra, um anúncio de “últimas notícias” apareceu na TV acima do balcão do bar, interrompendo o vídeo de uma participante de *Atadas e Costuradas* chorando bêbada. Um repórter estava de pé em uma esquina.

Olhei para a tela.

— Acabou de ser anunciado — disse o repórter sorridente — que Torin, rei dos Feéricos, vai se casar este ano.

Um silêncio tomou conta do bar. O rei Torin era o líder dos Feéricos Superiores, um grupo letal de feéricos que governava nosso mundo à distância. Exatamente o tipo de feérico que jamais teria alguma coisa a ver com uma plebeia como eu.

Ainda assim, eu me peguei olhando para a TV, extasiada como todos os outros.

